

Não é assistencialismo, mas um direito legal: uma pauta à biblioteca prisional para todo e qualquer apenado

*Marcelo Calderari Miguel**

Poeta nas terras capixabas, administrador, bibliotecário e docente na rede Estadual de Cursos Técnicos - atua com projetos de Educação Financeira e Educação Patrimonial.

 <https://orcid.org/0000-0002-7876-9392>

Recebido em: 23 ago. 2021. **Aceito em:** 12 dez. 2021.

Como citar esta produção artística:

MIGUEL, Marcelo Calderari. Não é assistencialismo, mas um direito legal: uma pauta à biblioteca prisional para todo e qualquer apenado. *Revista Letras Raras*, p. 265-270, v. 10, n. 4, dez. 2021.

Doi: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8380990>

1 A biblioteca transforma: eis a questão

Uma edificação de transformação social...

Um espaço de sondagens, esperança, literatura, leitura e arte.

Um balneário de contação de histórias, narrativas éticas e fábulas.

Um lócus de transformação, reinvenção e inovação de projetos e ideais.

Um gostoso cantinho de relaxamento, terapia e lazer.

Meu pedaço (trans)oceânico e chão!

Um lugar de muita viagem... E embarques!

Uma ambiência de paz, ciência, cidadania e integridade.

Um prédio arquitetônico que agrega valor à vida em comunidade.

*

 mmcalderari.sundehus@gmail.com

Um recinto de celeridade, tecnologias, patrimônio, memórias e identidade.

Um paraíso de convivência, acolhimento, aprendizagem e notabilidade.

Meu pedaço de vida e (trans)formação!

2 Bibliotecas carcerárias do Brasil, abram os cadeados

Biblioteca no presídio.

Reduto corretivo, leitura é acalento.

Facilita o mediar informação para o cidadão.

E carece tê-la na mesma medida em que sente.

Ela nunca vem sozinha, traz o transformar de sinas.

E, inimiga da solidão, a biblioteca traz um rol de inspiração.

E tem compaixão, estudo, reaprender, realizar... Tudo é possível!

As unidades de informação do cárcere dão o acesso à informação.

Enfatiza a ação da unidade na mediação da leitura e da informação.

A biblioteca é:

Uma máquina

Pontua sonhos

Sentido lança!

A biblioteca prisional toa uma social ferramenta, é resgate educacional do apenado.

Laboratório das leituras – metamorfoseia amplos questionamentos, plurais papeis.

Ressocializa em livros instrutivos, recreativos e didáticos – o detento, a humanidade.

E no retirar da liberdade, a biblioteca pauta um bojo sideral – bussolar convivência.

Informar, direito afiançado a todo e qualquer cidadão, reintegra e política afirmativa é.

A biblioteca prisional assume um papel fundamental, enreda uma missionária arte.

Toa insumos que põem a cidadania – é alvedrio além da estante, vivência múltipla.

Em nossa insídia antropológica, a biblioteca cuida que ninguém nos venha enredar.

Com sua filosofia e vãs sutilezas, a biblioteca satiriza ogros costumes, o bem acarreta!

3 Libertário Ser da informação: entre costuras e simbólicos retalhos

Busca-se bibliotecário, arquivista, museólogo ou documentarista.

Doutor, mestre ou bacharel apenas, eis um profissional de alívios e memória.

Conservador e restaurador de paradigmas, preservador ou criativista...

Alguém que provoque as bruxas, os encantos, o direito à cidadania.

Procura-se... Completez, costuras ou simplesmente cordel.

Um simbólico retalho, relatos orais, pessoas reais em ermo galope na beira do rio ou mar.

Em tempos de pandemia, busco recomendações vitais, oralidade e sinergia.

Para pendurar a cada dia, em cordas, cordéis e barbantes, a sensação da vida...

Caço empreender identidades para acolher todas as memórias – mortos, vivos e organizações.

Deixando intactos fundos e coleções para presentes e futuras visitas compassivas, ternas.

Mas que vá além... De paliativos sociais, da estrutural física dos suportes e imaginários.

Levando livro, leitura, literatura: lastro, legado, libertação, logoterapia, luminescência...

E a constante lida – luta contra morte e confinados sertões – mostra a essência própria.

Almejo construir compostos que sanam as dores da alma e garantem as fontes de informação.

Latente e interagente, a indumentária linguagem estrutura o profissional da informação.

Eis a saga de obter o melhor remédio, elixir mágico, fórmula perfeita de proliferar a paz.

Com imediato efeito de promover solidariedade, saúde, lazer, educação, cultura e arte...

Essa é a absoluta garantia, com a popular sabedoria, encontra-se o ser criativo e humano.

Quero ser um Ser capaz de situar ciência, alquimia e patrimônio – onde tudo é documento.

E que conclua, com reza brava, pesquisa e tecnologia, um vasto achado de soluções.

Algo que recupere – teoria, prática e inovação – artefato histórico e ímpar classificação.

Viso sim os poderes, da organização do conhecimento, o emocional encantamento...

E que, na nuvem de aplicativos, venha o inebriante poder de avivar lembranças de toda forma!

4 O papel da biblioteca prisional: mediação da leitura e da informação

Biblioteca é espaço, serve para uso de todas as categorias de reclusos, encarcerados.
Assume cancha espacial, efetiva ação na gênese educacional, profissional e cultural.
Tal ambiência se encarga, avante um eixo emprega: informar, direcionar, capacitar.
O efetivo direito à biblioteca pesa a missão educacional, e o apreço às leituras oportuniza.

Dentro do cárcere, se mostra o valor à vida; ato de ler traz câmbio ao cenário do viver.
A lei de execuções penais ainda diz: estabelecimento penal deve uma biblioteca ter.
A biblioteca faz o remir da pena e, legitima a arte da leitura com um refrigério mister.
Traz pluralidade e sentidos, maximiza e juramenta possibilidade de alterar as projeções!

Biblioteca e livro, um novo sujeito no presídio, é o fazer correto da instituição penal.
A cela ou prisão, o livro não recupera o drama vivido, mas o faz transformação.
Carrega, em boas letras, novo ensino: gera alívio, fomenta fenomenal feito.

Ler reduz a pena, solução que instiga o ser a dar valor ao novo viver e ao reaprender.
No incremento social capital é ter uma biblioteca fluente, influente e cheia de gente.
Tirar a mente do ócio, mostrar que é possível plena cidadania ter.

5 Na remição da pena, a biblioteca aparece

Livros instrutivos, recreativos e didáticos – no estabelecimento penal a biblioteca cabe!
Isso não é assistencialismo, mas direito legal a todo e qualquer apripionado.
Belo afazer à biblioteca traz a pessoa encarcerada, um despertar multitemporal fortuito.
Eis um cunho – ético e humanístico – para o cerne florescer de campos e sentidos.
Reforma a imaginação, pontua a singular profissão, que edifica a dignidade do ser humano.
Dentro do juramento azado, que forma o bibliotecário, há elementos da práxis educativa:
Atuar com um interagente de ressocialização, emparelhar comunicados e aflorar dinâmicas.
Direciona vertentes múltiplas, fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação.
Embarca o retorno à liberdade, a cidadania, ao desenvolver pleno de todas as capacidades!

Libertária, a biblioteca prisional, agente institucional e humano, provoca mudanças.
Isso é a pauta do imprescindível – o social desenvolvimento – em qualquer momento.
Busca mais que um fio de pensamento, o bibliotecário reage com missão e sensibilidade.
Empenha à biblioteca um rol de gentilezas, espaço físico-virtual, desenvolve atitudes e valores.
Resulta na democratização do acesso à informação e pontua que o ato de acolher perpetua.
Dentro do espaço de privação de liberdade a biblioteca – desdobra o melhoramento do Ser.
Afasta o tirocínio sinistro, o que lenimentoso há. Face a face o encetamento, interação perpetra.
Direciona o encarrear da criação literária, o próprio e sôfrego destino, de informar mais.
Empodera, encaminha, reduz a pena, converge novo planeais ao detento... Ousa transformar!